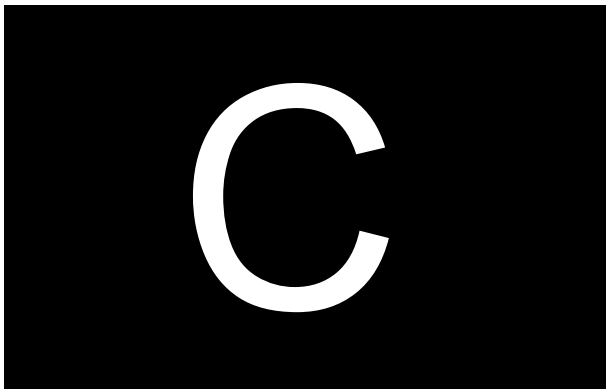




“Portugal é hoje um fator de consolidação da nossa independência”

Hélder Vaz, Embaixador da Guiné-Bissau em Portugal, considera-se orgulhosamente um produto da Lusofonia. À luz disso mesmo, não esconde a ambição de promover cada vez mais o estabelecimento de pontes entre a nação que representa e o nosso país. Em diálogo connosco, falou-nos das perspetivas existentes para o reforço da cooperação entre os dois povos, numa conversa que atravessou igualmente as várias potencialidades que a Guiné-Bissau apresenta.



Com efeito, o nosso entrevistado sente-se um “produto desta osmose que resulta de séculos de cruzamento entre estas culturas”, declarando a sua identificação com “uma ponte entre Portugal e a Guiné-Bissau”. Grande parte dos seus anos de crescimento foi vivida aqui e ainda lhe é bastante nítida a memória de guineenses que “nunca tinham estado em Portugal mas falavam como se o tivessem feito”. Desde 17 de janeiro de 2017 que é Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário da Guiné-Bissau em Portugal, lugar que assume com uma “ambição imensa relativamente à cooperação entre os dois países”. Acerca deste ponto, diz-nos que ainda vive “alguma frustração pelo baixo nível de relacionamento que existe e que está muito aquém daquilo que tem potencial para ser”, e assume que “tudo será feito” para que esse dito potencial se concretize.

São cerca de 40 mil os guineenses e luso-guineenses



que vivem em Portugal. Sobre o seu perfil sociológico, Hélder Vaz observa que se divide essencialmente em função das épocas migratórias. Entre meados dos anos 70 e princípios de 80, esses movimentos foram protagonizados por “quadros técnicos intermédios” e, posteriormente, na sequência do conflito de 1998, foram muitos os que “vieram para Portugal como refugiados”, o que resultou numa “mudança do perfil da migração guineense para pessoas dedicadas a funções mais ligadas à mão-de-obra braçal”.

O cenário presente indica que estaremos perante um novo fenómeno. A propósito disto mesmo, Hélder Vaz refere que “um dos focos da cooperação entre os dois estados reside no âmbito da educação. Nos últimos dez anos, houve 770 estudantes guineenses em universidades portuguesas e este ano foram admitidos 1203 alunos, sublinhando-se também as diferenças no que respeita à sua distribuição. Enquanto que antes estavam sobretudo nas universidades das grandes cidades, neste momento temos centenas de alunos inscritos em Bragança, Guarda, Portalegre, Braga e Castelo Branco. Estes números asseguram-me que, se este esforço for continuado, num prazo de dez anos teremos consolidado o sonho que eu tenho para a relação entre Portugal e a Guiné-Bissau”. Reforçando, o que este fluxo poderá trazer consiste em “muitas pessoas que vão beber da cultura portuguesa”, tal como o nosso entrevistado o fez



e, nesse cenário, “teremos milhares de pontes humanas ligando os dois países irmãos”.

O quadro, aliás, será positivo para que tal aconteça. O Embaixador considera a relação entre portugueses e guineenses como “fácil, afetuosa e de grande proximidade”, ao mesmo tempo que salienta que a cooperação com Portugal “faz parte integrante do conceito estratégico de defesa nacional” do país. “Portugal é importante para a identidade da Guiné-Bissau no contexto geopolítico em que vivemos e é hoje um fator de consolidação da nossa independência”, acrescenta.

Várias são as dimensões em que esta aproximação dos dois países deverá acontecer e uma delas passa pelo âmbito económico e empresarial. Nesse sentido, projeta-se que já no início do próximo ano comecem a ser organizadas “missões empresariais de vários distritos portugueses à Guiné-Bissau”. Hélder Vaz aprofunda este assunto, explicitando as diferentes potencialidades que o país apresenta na ótica

do investimento: “Tenho ouvido da parte de empresários portugueses que Bissau é a capital mais segura da Lusofonia. Infelizmente, a imagem que muitas pessoas ainda têm é a da guerra que, há vinte anos, foi transmitida pela televisão. Isto não aconteceu com as guerras em Angola nem em Moçambique mas, em 1998, as imagens do conflito pelo qual passámos entraram pelas casas das pessoas. Depois disso, esse conflito gerou uma instabilidade político-militar que levou a três golpes de Estado, mas estes não interferiram com a vida da população e foram muito circunscritos ao Palácio e ao Quartel-General, nunca constituindo uma questão de segurança pública. No decurso dos três golpes palacianos, como em 12 de abril de 2012, a vida das pessoas continuou com normalidade”. Reiterando: “A Guiné-Bissau é este país singular, onde todos os turistas e empresários portugueses saem à noite em segurança. Infelizmente, por razões históricas que podem perfeitamente ser dissecadas, foi conhecendo esta instabilidade política mas as suas raízes são muito facilmente determináveis e circunscritas e, neste momento, essa é uma matéria em relação à qual estamos em fim de ciclo”.

Com efeito, “nos espaços onde não se fala dessa crise política, os empresários vão à Guiné-Bissau e percebem que é um lugar onde podem investir em segurança e ter resultados, o que acontece com chineses, indianos, vietnamitas e alemães que têm investido bastante no país”. Paralelamente à questão da segurança, Hélder Vaz explora outras características indicativas do seu potencial enquanto ambiente de negócios: “Em primeiro lugar, a Guiné-Bissau está próxima de Portugal, com apenas 3 horas e 50 minutos de voo. Além disso, temos uma moeda única. Assim como Portugal está no Euro, a Guiné-Bissau está integrada numa comunidade que tem também uma moeda comum desde a década de 60. Aderimos nos anos 90 ao Franco CFA, que tem uma paridade fixa com o Euro e, por isso, não se encontra sujeita a variações cambiais e garante a repatriação de capitais”.

Acresce a isto toda a vastidão da região económica





em que o país está inserido. A Guiné-Bissau é membro da UEMOA – União Económica e Monetária do Oeste Africano (com mais de 100 milhões de consumidores) e da CEDEAO – Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (com 386 milhões em 2018). “Neste mercado de quinze países, temos uma tarifa exterior comum, por isso, os produtos, ao entrarem na Guiné-Bissau entram no mercado comum e apenas pagam 1% da Taxa Comunitária de Solidariedade para passarem da nossa fronteira para os restantes países”, aponta. O nosso entrevistado observa ainda que “é um mercado que é essencialmente de preços e que, portanto, se ajusta mais facilmente à pequena e média-indústria portuguesa do que às de países onde a mão-de-obra é mais cara”.

Tudo isto dá alento ao desejo de que “haja mais investimento português na Guiné-Bissau”, pese embora o registo já existente de “alguns casos de sucesso”. Hélder Vaz nomeia, por exemplo, a AgroSafim, “iniciativa de um grupo que começou pequeno e foi fazer agricultura e a venda local de produtos hortícolas no país. Este ano, está a exportar 40 contentores para Portugal e, para o próximo, tem já um contrato de 500 contentores. Além deste caso de sucesso, existem outros investimentos portugueses em curso e agora a nossa ambição é ir mais longe. Há muito a fazer e nós estamos aqui para acompanhar os empresários portugueses nesse desafio”.

Claro está que a atratividade do país encontra também um importante argumento no seu potencial turístico. A esse nível, pontifica de forma evidente o caso do Arquipélago dos Bijagós, conjunto de 88 ilhas com um vasto ecossistema, classificado pela UNESCO em 1996 como Reserva da Biosfera. “Costumo dizer que a Guiné-Bissau é o último tesouro escondido do Atlântico Norte. No início de 2017, começou a haver um grande esforço para a sua promoção enquanto destino turístico. O nosso Ministério do Turismo conta com quadros jovens, promissores e com visão, e houve também uma aposta positiva por parte de alguns operadores portu-

gueses. Neste momento, se encontrarmos soluções para tornar mais baratos os preços dos transportes aéreos, os Bijagós poderão passar a ser um destino de referência para os portugueses”, antevê.

A estas prioridades, junta-se também a problemática da Saúde, dentro da qual a cooperação tem sido intensa e relevante. “Temos muitos doentes em Portugal. Existe um acordo de cooperação em saúde, que remonta aos anos 70 e permite o acolhimento de doentes guineenses em hospitais portugueses. Infelizmente, o nosso país não tem uma estrutura de saúde pública aceitável à luz dos padrões internacionais e, dentro da nossa estratégia de desenvolvimento, existe a ambição de promover a criação dessas estruturas e de capacitar recursos que garantam aos guineenses este direito humano básico. Até lá, o que propomos consiste em substituir a evacuação médica dos doentes por uma cooperação que crie condições nos hospitais que possam dar assistência na Guiné-Bissau. O objetivo é que, não só na Medicina Geral como também nas especialidades, se possam deslocar até ao nosso país equipas mensais que façam as consultas e as intervenções necessárias e só sejam enviados para Portugal os casos que não possam, efetivamente, ser assistidos na Guiné-Bissau”.

A parceria entre as duas nações assume, efetivamente, muitas outras feições. Dentro disto, também a cultura não poderia ficar esquecida, se olharmos para os traços identificados de “um país multiétnico”, que é “uma Babel negra,



onde convivem em paz mais de 30 etnias”, e que com isso produzem “uma riqueza extraordinária em várias manifestações culturais”. Igualmente aqui há margem de progressão, perspetivando-se o objetivo de “realizar iniciativas de promoção cultural em diferentes capitais de distrito portuguesas”.

Por fim, Hélder Vaz realça ainda “o imenso potencial agrícola, piscícola e mineral que a Guiné-Bissau apresenta”, apontando para a sua “transformação em riqueza no sentido de promover o bem-estar do Homem”. Acrescentando: “Podemos cooperar imenso com Portugal nesses domínios e gerar vantagens para todos nós. A transformação faz-se com força e trabalho e, para sermos mais fortes, queremos juntar-nos aos nossos irmãos que falam a nossa língua”, conclui.



www.embaixadaguinebissau.pt